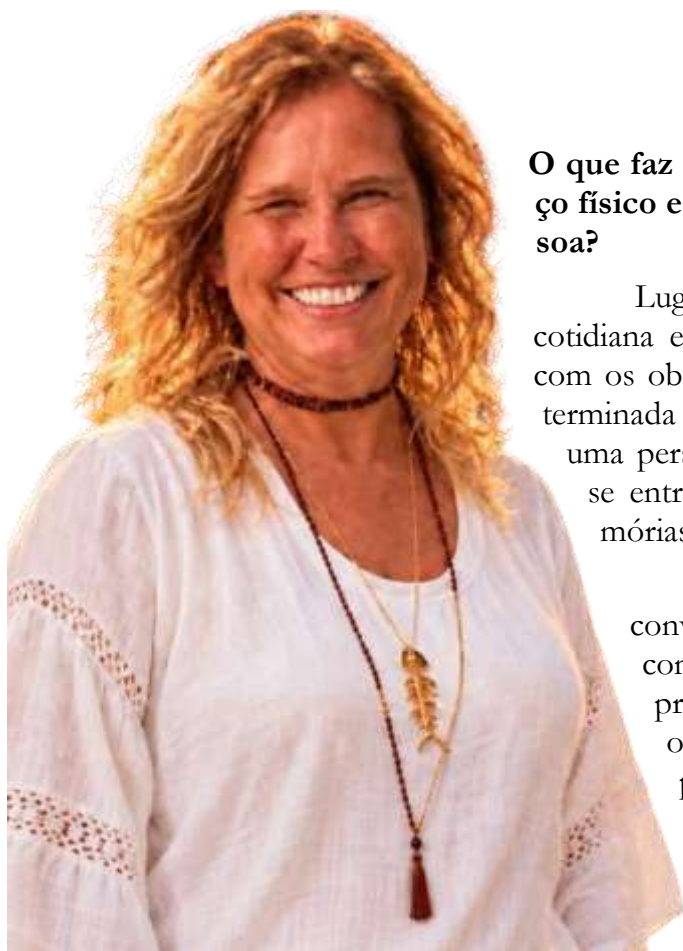


Profa. Dra. Ana Paula Araújo

Geógrafa



**O que faz com que um lugar deixe de ser apenas um espaço físico e passe a ter um significado afetivo para uma pessoa?**

Lugares são espaços vividos, construídos a partir da vida cotidiana e das relações estabelecidas pelas pessoas entre si e com os objetos naturais e construídos, que compõem uma determinada paisagem. Trata-se do nosso pequeno mundo ou, em uma perspectiva geográfica, do mundo-vivido, lugar no qual se entrelaçam experiências, afetos, práticas cotidianas, memórias, lembranças e relações de pertencimento.

Para a Geografia, o lugar é o espaço de afeto e de convivência, de relações compartilhadas e experienciadas com a vizinhança e com as formas espaciais. É nesse processo de apropriação simbólica e de significação que o espaço deixa de ser apenas uma dimensão abstrata para converter-se em lugar dotado de pertencimento, valores e significados.

Geógrafa. Doutora em Geografia. Professora Titular da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Faculdade de Engenharias, Arquitetura e Urbanismo e Geografia – FA-ENG/UFMS. Membro Associada do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do

Cada lugar encerra, neste sentido, uma singularidade própria, possui uma alma ou essência que se revela nas experiências das pessoas e em como essas pessoas se colocam no mundo. Sua paisagem ao refletir e materializar essa dimensão do vivido, é dotada de sentido, de significado, de memória e de história. O lugar é, portanto, a geografia que encontramos e produzimos diária e cotidianamente em nossas vidas. Para alguns autores, os lugares podem ser pensados sob a perspectiva de “lar” de “modos

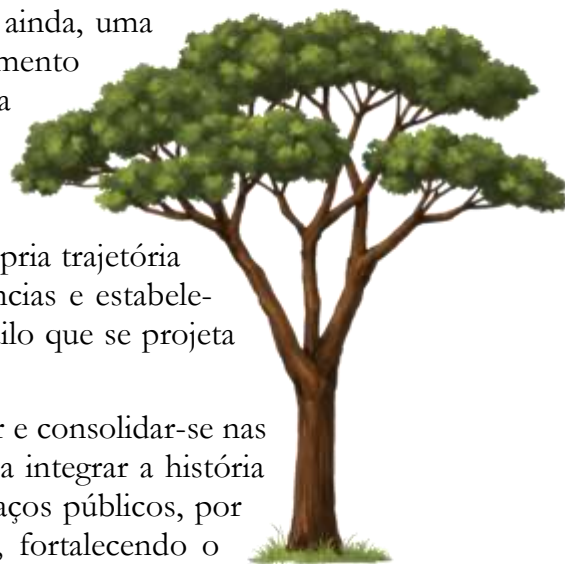
geográficos de existência”. O mundo-vivido, esfera da existência na qual se entrelaçam, de maneira indissociável, as experiências cotidianas, os vínculos afetivos, as práticas sociais, as memórias e os sentimentos de pertencimento, reconhecendo-o como uma das formas fundamentais pelas quais os seres humanos habitam, experienciam e atribuem sentido ao mundo.

Nela se encontram inscritas as marcas do tempo, das relações humanas e das experiências que, individual e coletivamente, conferem identidade e singularidade ao lugar.

**Como a convivência cotidiana com uma árvore (vê-la crescer, cuidar dela, estar perto dela) pode contribuir para a construção de uma relação de pertencimento com o lugar onde se vive?**

Temos compromissos, responsabilidades e vínculos com o nosso lugar no mundo, o nosso pequeno mundo no qual a existência se realiza e adquire sentido. Tais vínculos podem manifestar-se por meio de diferentes práticas espaciais de apropriação, cuidado e intervenção, entre elas aquelas relacionadas à arborização e à reconexão com a natureza. Plantar, cuidar e acompanhar o crescimento de uma árvore não representa apenas uma prática de preocupação com a conservação ambiental; constitui, igualmente, uma experiência capaz de produzir afetos, vínculos, memórias e sentimentos de pertencimento.

A convivência cotidiana com uma árvore introduz, ainda, uma dimensão temporal nessa relação. Acompanhar seu crescimento protegê-la, observá-la ao longo das estações e reconhecê-la como parte da paisagem cotidiana faz com que ela deixe de ser apenas um ser natural para adquirir significado na experiência daquele que a cultiva e a vivencia. A árvore pode converter-se, assim, em uma espécie de marco da própria trajetória de vida, guardando lembranças, acontecimentos e experiências e estabelecendo uma continuidade entre o passado, o presente e aquilo que se projeta para o futuro.



No espaço privado, esses sentimentos podem aflorar e consolidar-se nas relações familiares, quando o cultivo de uma árvore passa a integrar a história da casa e das diferentes gerações que nela vivem. Nos espaços públicos, por sua vez, a arborização pode assumir a dimensão coletiva, fortalecendo o encontro, a convivência, a troca, a cidadania, a construção de referências compartilhadas, contribuindo, desse modo, para a constituição de uma identidade territorial.

Nesse ponto, é importante estabelecer uma distinção entre os conceitos de lugar e território para a Geografia. O lugar privilegia a dimensão da experiência vivida, da afetividade. Lugar é espaço de amor. Enquanto o território remete, de maneira mais direta, às relações de poder, tanto material quanto simbólico. Isso não significa, entretanto, que as relações de poder estejam ausentes do lugar. Nem todo território constitui-se como lugar, mas a dimensão territorial pode estar presente nos lugares, ainda que não ocupe sua centralidade conceitual. Expressões aparentemente simples, como “o meu lugar”, revelam essa sobreposição entre pertencimento e apropriação; vínculo e identidade. Do mesmo modo, sentimentos como o ciúme ou o desejo de proteção em relação a determinado lugar podem evidenciar formas de territorialização/lugarização, entendida aqui como o processo pelo qual os sujeitos produzem e reforçam vínculos de apropriação simbólica e afetiva com o espaço.



Assim, práticas espaciais de intervenção e cuidado, como plantar e cultivar árvores, podem desempenhar papel significativo na construção da identidade individual e coletiva vinculada ao lugar. Ao estabelecer uma relação continuada de cuidado com uma árvore, o indivíduo não apenas transforma a paisagem, mas também se transforma na relação com ela. A produção do lugar é relacional com camadas de significados que envolvem a árvore, o indivíduo e a coletividade integrando experiências, lembranças e narrativas de vida. É nesse universo relacional que o espaço vivido fortalece laços, sentimentos de pertencimento, de identidade, de responsabilidade e de compromisso com o nosso pequeno mundo ou mundo-vivido.



### **Que papel as árvores podem desempenhar na construção e na preservação da memória individual, familiar e/ou de uma comunidade?**

As árvores quando associadas a pessoas, acontecimentos e significados, mais do que elementos constituintes da paisagem geográfica, podem desempenhar papel fundamental na construção, preservação e transmissão da memória individual, familiar e coletiva.

Uma árvore plantada por ocasião do nascimento de uma criança, por exemplo, pode acompanhar o curso de sua vida e tornar-se um símbolo de sua trajetória e da própria história familiar. Seu

crescimento, observado ao longo dos anos, estabelece uma relação entre diferentes temporalidades, permitindo que a árvore se constitua como referência concreta de experiências vividas, acontecimentos e vínculos afetivos entre gerações. Da mesma maneira, árvores presentes em quintais, ruas, praças e outros espaços de convivência podem permanecer associadas a encontros, celebrações, brincadeiras, práticas cotidianas e acontecimentos que integram a história de uma comunidade.

As árvores antigas assumem, nesse contexto, uma particular relevância, pois sua longevidade lhes confere a condição de testemunhas das transformações ocorridas no tempo e no lugar. Embora a memória não esteja propriamente contida na árvore, mas seja produzida pelos sujeitos a partir das experiências e significados a ela atribuídos, sua presença material pode atuar como um importante suporte para a lembrança.

Nesse sentido, as árvores podem atuar como elementos de mediação entre memória individual, memória familiar e memória coletiva. Uma experiência inicialmente particular pode, mediante sua transmissão entre gerações, adquirir significado compartilhado e integrar a narrativa de uma família ou de uma comunidade. A árvore torna-se, assim, parte da história vivida e narrada pelos sujeitos, contribuindo para a preservação de referências, afetos, identidade e pertencimento.



### **O que a relação de afeto com uma árvore representa em se tratando de preservação ambiental e cuidado com o planeta?**

A relação de afeto com uma árvore expressa uma forma de pertencimento ao mundo e pode representar uma dimensão ética e existencial do cuidado com o planeta. As árvores são fundamentais à manutenção da vida e desempenham funções ecológicas indispensáveis: contribuem para a retenção da água das chuvas no solo, reduzem processos erosivos, auxiliam na prevenção de deslizamentos, enchentes e tombamentos, favorecem a regulação do microclima, proporcionando umidade, frescor e sombra, além de participarem da regulação da temperatura e do ciclo do carbono, por meio da absorção de dióxido de carbono e da liberação de oxigênio. Também protegem o solo, contribuem para a manutenção dos ciclos hidrológicos e constituem fonte de alimento e abrigo para inúmeras espécies.

Em conexão, na perspectiva fenomenológica, a Geografia compreende que o lugar e o espaço são dimensões que se realizam na experiência vivida e na relação do ser humano com o mundo. Não somos sujeitos que estão no espaço. Somos espaço. O espaço não é apenas o cenário onde a vida acontece, mas uma dimensão constitutiva da própria experiência humana. A produção do espaço se faz a partir de um universo relacional, isto é, transformar uma paisagem é também transformar-se.

Neste contexto, o espaço do corpo e o espaço externo constituem uma unidade dialética sistêmica: o corpo só se realiza no espaço, e o espaço é uma produção do corpo. Não somos independentes do ambiente físico, social, econômico, produtivo, político e cultural.

Nesse universo relacional, ao plantar e conservar árvores não produzimos apenas benefícios ambientais objetivos. Construimos, igualmente, equilíbrio em nós mesmo, no nosso ambiente interno.

Uma experiência subjetiva e objetiva capaz de despertar sentimentos existenciais de felicidade, harmonia, bem-estar, intimidade e abertura para o mundo, fortalecendo o enraizamento e o vínculo profundo com o lugar e com o planeta.



É justamente esse afeto que transforma a conservação, preservação, recomposição ambiental em respeito e vínculo emocional com outros seres. Passamos a viver de forma orgânica com a natureza e, com isso, o cuidado deixa de ser apenas um dever normativo imposto de fora e passa a constituir-se como escolha existencial, enraizada na própria experiência dos sujeitos no mundo.

A relação de afeto com uma árvore simboliza, portanto, o reconhecimento de que a vida humana é inseparável da vida dos demais seres que coabitam o planeta conosco. Em última instância, ao cuidar do que é externo, cuidamos de nós mesmos. A árvore se torna, desse modo, expressão concreta de uma ética do cuidado, do pertencimento e da responsabilidade compartilhada.